

À Gabriela “gabi”,

Das palavras no decorrer deste texto, tentarei criar um formato que nem se assemelhe a uma avaliação formal bem como uma descrição sobre a pessoa, mesmo que em alguns momentos estas duas forças literais apareçam naturalmente. Afinal, a imparcialidade talvez seja uma das maiores utopias que um ser humano, dentro de todas as suas complexidades antropocêntricas, tenha como desafio principal nesse estágio terreno.

Ao ler seu diário de bordo, logo no início você se auto intitula leiga no formato de um diário. Na vida, apesar de nunca ter experienciado a construção de um, sempre tive alguns exemplos próximos de como conduzir um. Minha concepção sempre pousou na ideia de que um diário conduzirá um “passo-a-passo” ou trajetória diária, muitas vezes com aspecto de um memorando oculto que, em póstumas leituras levará a pessoa para memórias e situações que somente aquele que o escreve saberá em detalhes. O diário, por si, tem a errônea concepção de ser “pessoal e intransferível”.

Em contraponto a última frase, seu diário foi rico não somente em detalhes mas também em sentimentos e com uma leitura fluida, algo que raramente presenciei nos outros diários que li. Aliás, muitos preferiram relatar as aulas com muitos detalhes, como um diário convencional ou, como se estivesse tomando notas de uma aula. Ou seja, no seu diário existiu uma ressignificação do diário em microescala, ora por relatar memórias da sua infância e a admiração que tens pela sua mãe.

As vezes a ressignificação pode servir positivamente para dar-nos coragem à expormos as diversas sensações vividas na disciplina, mas também pode servir como um desabafo. A mesma sensação que você vivenciou na primeira aula eu também vivenciei, talvez, em um grau diferente. Realizar uma nova disciplina em um outro departamento, lidar com os egos de diferentes pessoas e os mais variados julgamentos, geram expectativas muitas vezes negativas. Para mim, muitas figuras eram “familiares” e isso, que para outros serviria como um certo reconforto por não sair da zona, na verdade não me traz nada de desafiador, exceto pela figura encantadora do Marcos.


Seu interesse pela disciplina é algo louvável e, pelas suas palavras, existiu uma sinceridade incomum na pós-graduação. Todos falam que querem a docência, que são apaixonados em ensinar, proferem jargões encantadores com frases de Paulo Freire e sobre a importância do diálogo (palavra esta escolhida para designá-la na primeira aula) mas nem sequer conseguem ter uma comunicação direta com as pessoas que as servem/cercam em suas rotinas acadêmicas. O velho discurso que é somente de praxe, mas sem a práxis, como Jesuítas em forma de caciques.

Em alguns momentos da disciplina você se posicionou de forma provocativa, noutros havia uma sensação de raiva ou tristeza. Li que em alguns momentos esse seu posicionamento trouxe a sensação de ser taxada como “super sincera”. A sensação que tive nos momentos efusivos de sua fala foi um certo desconforto. Desconforto é o objetivo final de todo discurso provocativo e, a meu ver, não deve ser considerado algo negativo desde que isso traga reflexão. Percebi que a turma não compreendeu sua forma dura de exemplificar que devemos aprender a trabalhar em grupo, o que me fez discordar do

próprio professor. No fim, achei que a palavra dele foi importante em definir que a ideia central não foca na questão do “lidar com as diferenças” e sim no objetivo final que é a aprendizagem.

Sua palavra escolhida no início foi o diálogo mas, no final da disciplina, eu diria que sua palavra seria “privilégio”. Não no sentido de que você seja uma “privilegiada”, o que talvez você até acredite que possa ser, mas sim por ter sido uma palavra que permeou grande parte das suas problematizações nas rodas de debate. Isso me fez refletir o quanto estamos distantes em entender que o ensino-aprendizagem não será um fim enquanto não eliminarmos as relações de poder que uma sala de aula nos impõe. O distanciamento já vem de berço, naturalizado em pedestais aos quais não estamos dispostos a quebrar as bases que os alicerceiam. E essas bases são a ferramenta principal para o que hoje chamamos de privilégios pois *os vermelhos que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá...* e o lá, nem preciso dizer onde é.

Por fim, gostaria de elogiar as sugestões de zines no final do diário. Para muitos esse tipo de “mídia” é incomum apesar de não ter nada de inovador em sua confecção.

Portanto, por todas as trocas de experiências e contribuições para com a disciplina, minha nota é 9,9 pela sinceridade nas palavras e 0,1 pela amizade  de. Assim, seu conceito é



S. H. M. G.

12 de junho de 2019